

Hoje foi um dia grande e inesquecível para mim, o que fico a dever à sua pródiga generosidade que tanto me sensibilizou e emocionou. A dedicatória do seu quarto livro aquilíniano encheu-me de alegria e de orgulho — porque não confessá-lo? — por vir de uma magnífica personalidade como a sua e do seu excelente talento como escritor e investigador aquilíniano. Nesta terra, que é a nossa, nunca mais se poderá falar do Mestre e da sua obra sem lhe associar íntima e textualmente o nome e a obra de Manuel Lima Bastos. É o que penso e lho digo como muitos, muitos outros também lhe dirão.

Miguel Veiga,
homem dos livros e da cultura, recentemente falecido

A polilogia de Manuel de Lima Bastos levou-nos, sempre *à sombra de Mestre Aquilino*, a percorrer as terras do demo pelos seus montes e serras, campos e vales, rios e riachos, estradas, caminhos e veredas, cidades, vilas e lugarejos, igrejas e mosteiros, tribunais e cadeias, estalagens e tavernas, quintas, casas e casebres, mas também a entrar na Casa Grande de Romarigães, deambulando pelos seus corredores, espreitando salas e alcovas, observando retratos e decifrando palimpsestos esquecidos em armários e gavetas onde restos de almas ficaram escondidos durante séculos. Fizemo-lo na companhia de valentes e cobardes, de heróis e patifes, de santos e pecadores, de ricos e pobres, de bacharéis e analfabetos, de fidalgos, clérigos e gente simples, mas todos eles genuínos portugueses que a mestria de Aquilino fundiu numa única e holística geografia física e humana e que, em lúcidas e oportunas entradas na obra do escritor beirão, Manuel de Lima Bastos nos foi apresentando, ao longo de seis magnéticos livros. Agora, em tempos de *cuisine française*, de *chefs*, de novos sardanápalos e de gaitas que assobiam com tal estridor que nos furam os tímpanos, cegam os olhos e revolvem o estômago, o melodioso assobio da senhoria literária de Manuel de Lima Bastos aguçá-nos o apetite, mostrando-nos as práticas e os pratos cinegéticos revelados na imensa obra aquilíniana. Manuel de Lima Bastos é o oráculo de mestre Aquilino que, como Isaías, nos diz: “Preparai a mesa, estendei a toalha para comer e beber”».

Eduardo Vaz Martins de Almeida,
feirense, advogado e aquilíniano devotado

Agradeço-lhe muito penhoradamente o seu último livro *Mestre Aquilino, a Caça e Uma Gaita que Assobia*. Quero dizer-lhe que me deleitou ler a sua prosa pois consegue aliar ao conhecimento profundo da obra do grande Aquilino Ribeiro, que todos sabemos que tem, os seus comentários e a sua forma de dizer as coisas de uma forma simples mas profunda. Demonstra que interpreta como ninguém não só o pensamento do Mestre como tem um conhecimento perfeito do linguarejar popular que Aquilino apanhou de forma tão extraordinária. Muito obrigado por esta delícia literária que nos fala das delícias da caça e da pesca.

João Inês Vaz,
professor universitário, ex-presidente do CEAR, recentemente falecido

A jornada persistente de Manuel de Lima Bastos pela planície literária de Aquilino Ribeiro é notável: desde 2009 publicou uma dezena de livros, obras insígnies que mergulham nas origens do Mestre e vão ao encontro das gentes e da cultura das Terras do Demo. Conseguem assim elevar-se, de forma impecável, a patamares de notoriedade nunca antes conhecidos. Manuel de Lima Bastos explica-se antes de mais pela sua capacidade de reinventar Aquilino. Sempre na sombra do Mestre, o discípulo embarca numa viagem única pela obra do escritor socorrendo-se da carta de navegação que só os bons marinheiros sabem ler e aponta os destinos: lugares únicos da Beira, paisagens da Lapa e da Nave, o berço no Carregal, a caça aos coelhos e às perdizes, as lendas que fazem rir e fazem temer, usos e costumes, um certo sentir expressado pelos rostos serranos, ásperos, matreiros, sapientes, autênticos, enfim com a marca de água que define as nossas gentes. Pela dimensão e valia deste intenso trabalho literário este Município de Sernancelhe tem sido companheiro de Manuel de Lima Bastos, honrando-se ao estar associado à edição das obras do autor por reconhecer nelas o mérito da erudição e a veia literária com que escreve sobre Aquilino Ribeiro as quais têm tido o condão de trazer para a cena mediática o nome e a obra do magnífico romancista beirão. A este propósito são eternas as palavras de Dom Manuel da Silva Martins: Afinal aconteceu tudo como sempre pensei e disse, Aquilino não morreu mas vive numa nova encarnação que se chama Manuel de Lima Bastos.

Armando Mateus,
vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Sernancelhe

O senhor está certamente longe de imaginar quanto me foi grato ter lido o seu livro acerca da obra de meu pai. Enquanto o ia saboreando voltei a encontrar o ambiente dos que, em torno de uma mesa da Brasileira do Chiado, se reuniam à sua volta pela afinidade ou pela estima que lhe devotavam. O espírito que impregnava as conversas era o do amor à liberdade e a crença que nela se punha para a futura regeneração da Pátria. Os que com regularidade ali se juntavam eram admiradores do escritor e conheciam bem a sua obra. Era frequente um deles citar uma personagem, uma cena ou até uma frase completa da obra aquilíniana. Essa constante referencialidade à escrita do artista funcionava também como uma espécie de elo que identificava o grupo. Os anos passaram e todos eles estão já na terra da verdade. Foi contudo o seu excelente livro que agora me restituiu a esses tempos e a esses ambientes da minha afectividade. O senhor, como poucos, poderia hoje integrar qualquer dessas figuras que ficaram para mim legendárias. O seu trabalho revela um profundo conhecimento da obra literária do escritor, dos seus caminhos, da sua mundividência e da matéria prima de que era feita a sua prosa. Entre a biografia aquilíniana que recentemente tem vindo a lume melhor certamente não haverá e não vejo que qualquer amante da literatura que se debruce sobre o trabalho de meu pai o possa, de futuro, deixar de tomar como marco a balizar um território. Meu pai, que não era homem de vaidades nem de lisonjas, ficaria seguramente sensibilizado com a compreensão que revela da sua porfia literária, pela afinidade que encontraria na forma como apreendeu o seu universo e o seu guinhol humano e, coisa não de somenos, pela comunhão no gosto pela culinária de antigos e nobilíssimos pergaminhos que ainda remanesce da tradição rural portuguesa. Só posso expressar-lhe uma vez mais o reconhecimento que me preenche e afirmar-lhe que de nisto teria a tácita anuência de meu pai. Aceite pois um abraço de gratidão do seu A.R.M. que tão bem impressionado ficou com a qualidade formal da sua escrita lavrada numa matéria que hoje já é muito raro encontrar.

Aquilino Ribeiro *Manuel*

«É mais do que inspirado este título do livro que Manuel de Lima Bastos acaba de oferecer a Portugal: *O Retrato de Aquilino – Pintura sobre Palavras*. Ainda não chegámos lá, mas um dia há-de vir em que Aquilino Ribeiro será olhado e apreciado como um dos mais significativos expoentes da alma lusíada porque a sua obra mergulha em tudo quanto faz parte de Portugal. E o que, com mais verdade, faz um povo e constrói uma nação é a sua língua. Quem se gosta português, quem ama Portugal terá de bater à porta de Aquilino e conversar com ele sobre o que fomos e quem somos no mundo. Manuel de Lima Bastos bateu à porta da casa do escritor e foi Aquilino em pessoa que generosamente lha veio abrir. Falou, falou e falou. Observou, observou e observou. Com tal sensibilidade e sucesso que, às vezes, parece superar o mestre naquelas profundezas onde se encontra o melhor da verdade, o melhor do que existe dentro de nós. Manuel de Lima Bastos apresenta-nos trabalho atrás de trabalho porque, apaixonado por Aquilino e pela obra imorredoura que legou à Pátria, é também a si próprio que se realiza. Depois porque, levado por essa paixão, meteu ombros a uma obra que, pela própria natureza, nunca terá fim. É bom para quem ama Aquilino porque amar Aquilino é uma das formas de amar Portugal. Vamos, pois, tomar em mãos este Retrato de Aquilino mas, tendo em conta quem foi o seu pintor, não podemos deixar de manifestar a nossa admiração já que Manuel de Lima Bastos tem realizado uma obra que é a demonstração da maior e mais bela sensibilidade patriótica.»

+ Manuel da Silva Martins
D. Manuel da Silva Martins, bispo emérito de Setúbal

Em 9 de Abril de 2016 o Auditório Municipal de Sernancelhe acolheu mais um momento de genuína homenagem a mestre Aquilino Ribeiro motivado pela apresentação pública da obra literária *Mestre Aquilino Caçador e a Gaitinha do Capador* da autoria de Manuel de Lima Bastos cujo enfoque é a caça, a pesca, a gastronomia associada e a vivência das nossas gentes e da nossa terra. Esta cerimónia ficou marcada, como é habitual, pelo muito público que quis assistir ao evento, por intervenções de reconhecidos especialistas e por uma evocação notável da vida e obra do grande artista beirão. Por tal razão não posso deixar de felicitar o autor pela capacidade de arregimentar personalidades com o Dr. Arlindo Cunha e Dom Manuel da Silva Martins, exemplos de intervenção cívica e social. Pelos momentos vivenciados por Sernancelhe, pela escolha do nosso território para a apresentação da obra, por conseguir que mais uma vez o chão natal de Aquilino Ribeiro fosse apreciado e divulgado por personalidades tão ilustres, venho reafirmar-lhe o reconhecimento deste Município.

Carlos Silva Santiago, presidente da Câmara Municipal de Sernancelhe



Edição patrocinada
pelo Município de Sernancelhe



MANUEL DE LIMA BASTOS

O RETRATO DE AQUILINO II

PINTURA SOBRE PALAVRAS

MANUEL DE LIMA BASTOS

O RETRATO DE AQUILINO II

PINTURA SOBRE PALAVRAS



Sopa de Letras

«Manuel de Lima Bastos, escritor e advogado com um percurso a que não faltam instâncias de reconhecimento, nunca demasiado, vem propondo aos leitores uma abordagem muito peculiar e enriquecedora da biobibliografia aquilíniana. A par do propósito conspectivo de partida surgem, nos diversos volumes desta sua esfera de dilecção, leituras temáticas iluminadas por um olhar em busca dos vínculos do Autor às terras que lhe foram berço, cenário novelesco e recorrência emocional. Ou incursões além de um tal perímetro, revelando com critério, pertinência, agilidade analítica, clareza e policromia de escrita (aliás a mesma do *Itinerário da Vida de Um Homem Comum*, repositório intenso das memórias do Homem e profissional do foro que agora nos revisita), facetas pouco conhecidas, quando não absconditas, do grande narrador de *Andam Fumos pelos Bosques* ou *Quando os Lobos Uivam*. Como se vê, por exemplo, na compilação de quatro dos títulos pretéritos numa edição preciosa, imperdível (*O Retrato de Aquilino – Pintura sobre Palavras*), que li entre aprazimento e proveito, concordância no essencial, apreço e votos da melhor recepção crítica. Que já houve decerto e ainda auguro, apesar das inércias e insânias em redor.»

José Manuel Mendes,
escritor, presidente da Associação Portuguesa de Escritores

«Lembrando discussões inconciliáveis de há mais de meio século, reencontro Manuel de Lima Bastos. Recordo que já nesses verdes anos tinha uma escrita que espantava. Depois houve um reencontro de que ele não soube quando o li encadernado em livro. Agora falamos de modo mais presente e constante – malhas que a Internet tece – trocatingando recordações. A quem ande cansado de palavras cansadas saberá bem ler quem escreve na senda saborosa de Aquilino. Manuel de Lima Bastos escolheu como vida uma devotada lealdade ao grande mestre da portuguesa língua. Saiu bem compensado porque a tinta aquiliana corre na sua pena como se tivesse herdado figuras – padres castiços, fidalgotes pimpões, labrantes picarescos, tudo gente de boas ou más manhas – e coisas – comilanças olorosas, águas claras, alegre vinho, terras pingues, fragedos imensos, o perfume dos pinhais – e, mais do que tudo, o crepitar do lume aceso para que se movam, sombreadas nas paredes, essas pessoas e essas coisas, familiares e intemporais, nas pequenas casas e na Casa Grande de Romarigães.»

Bernardo da Gama Lobo Xavier,
professor catedrático jubilado da Universidade Católica Portuguesa

Em boa hora Manuel de Lima Bastos decidiu explorar a vertente cinegética na obra de Aquilino Ribeiro. Com efeito, *Mestre Aquilino, a Caça e Uma Gaita Que Assobia* é uma deliciosa incursão pela vida e pela bibliografia do grande autor tendo como pretexto a prática venatória. Como bom beirão, Aquilino Ribeiro foi sempre um caçador apaixonado, privava com caçadores que foram amigos de toda a vida, ouvia as suas *estórias* e apreciava a soberba gastronomia que a caça proporcionava. Era, pois, também um bom caçador à mesa e um admirável contador de histórias de caça, de pesca e...de outras verdades, à semelhança de grandes escritores e homens de cultura como Unamuno e Eça de Queirós, ou Torga e Ortega y Gasset, que nunca renegaram desta faceta integradora do nosso percurso civilizacional. E o mesmo sucedeu com mestre Aquilino Ribeiro, como muito bem destaca Manuel de Lima Bastos, autor desta excelente obra cuja leitura me deleitou e que apresenta, a par da notável erudição, um estilo inovador que remete para as raízes do nosso classicismo literário.

Arlindo Cunha,
professor universitário, ex-ministro de Agricultura, ao apresentar a referida obra no Auditório Municipal de Sernancelhe

Aqui reabri – vinha o verão a entrar! – *O Albergue das Letras*, o que me deu a oportunidade de ter por companheiros de férias três grandes individualidades, literárias e cívicas, que o meu Amigo evocou, de modo tão sugestivo e vivaz, acompanhado na última pelo seu inseparável Aquilino Ribeiro. Tenho particular predilecção por este género de crónicas – sobretudo quando repassadas do estilo e do fio memorialístico do Autor – em particular quando regressa à Galiza de Cunqueiro. Posso dizer, pois, que saboreei verdadeiramente estas crónicas.

José Manuel Moreira Cardoso da Costa,
professor catedrático jubilado da Universidade de Coimbra e ex-presidente do Tribunal Constitucional.